

Vitória Vaz

(DES)MANUAL DE COMO SER UMA PROFESSORA-PERFORMER

(DES)MANUAL DE COMO SER UMA PROFESSORA-PERFORMER

Vitória Vaz



Foto: Sérgio Lima

ÍNDICE

Apresentação

1. Uma carta aos que educam com o corpo inteiro	6
2. Pistas ou programas para uma docência performativa	14
3. Antes de tudo, você sabe o que é performance?	18
4. Experimento I	19
5. Performances ou ações que envolvem deslocamento	21
5.1 Espaço para imaginação política	23
5.2 Converso sobre qualquer assunto	31
5.3 Palavras Cortam	40
5.4 Performer: Seja você também	48
6. Outras pistas possíveis - Instruções invisíveis e futuros inacabados	59
7. Epílogo: Continuar é performar de novo	65
Referências	

APRESENTAÇÃO

Este “manual” é parte da Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Artes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) – Campus Fortaleza.

Os programas de performance aqui reunidos foram elaborados entre 2022 e 2025, durante aulas ministradas para turmas do Ensino Fundamental – Anos Finais – em escolas públicas do município de Fortaleza. Trata-se de um livro-processo que cruza arte, educação e experimentação, propondo pistas para uma docência performativa viva, sensível e crítica.

UMA CARTA AOS QUE EDUCAM COM O CORPO INTEIRO,

Escrevo esta carta não apenas com palavras, mas com o corpo inteiro — um corpo que já se sentou diante de muitos olhares, que já escutou em silêncio a dor de uma aluna negra de cabelos crespos dizendo que as palavras a cortam como faca. Um corpo que, ao performar, também se deixa atravessar. Que aprende e ensina no risco.

Estou presente. Ainda estou presente.

Sentar-me diante do outro, como na imagem que acompanha esta carta, é também uma escolha política e pedagógica. É sobre sustentar o olhar, suportar o tempo da escuta, criar uma zona de suspensão onde a educação se torna acontecimento, e não apenas transmissão. Aprendi com Marina Abramović(2010) que estar presente é gesto radical. E aprendi com meus aluno/a/es que estar presente é também sobreviver.

Sou professora da escola pública. Meus palcos são corredores riscados, pátios quentes, salas com ventiladores que mal funcionam e cadeiras que rangem. Mas ali, eu crio. Me movo como quem dança em território minado. A performance, nesse contexto, não é luxo estético. É estratégia de vida. É meu modo de ensinar — com o corpo, com o afeto, com o erro.

Como diz Naira Ciotti (2016, p. 127), “a professora-performer se movimenta entre zonas de indisciplina, provocando deslocamentos”. E é nesses deslocamentos que invento minha docência. Já propus aulas para não fazer nada. Já levei cadeiras para o meio do pátio, apenas para perguntar: o que é arte para vocês? Já fiz os alunos encenarem monstros inventados com papelão e cola. Já escutei choros que me desarmaram. Já coreografei silêncios.

Meu manual, se é que existe, não traz receitas. Traz pistas. Como propõe Eleonora Fabião (2002), são programas performativos — ações que disparam, que reverberam, que talvez falhem, mas que insistem. Cada performance na escola é um “ensaio de liberdade”, como diria Lepecki (2006, p. 124). E é nesse ensaio que sigo, dia após dia, entre a precariedade e o milagre.

Se nesta carta há algo a dizer, que seja isto: a arte não sai da escola porque ela está no corpo de quem ensina. A performance não é só linguagem — é método, é posição ética, é cuidado. Ser professora-performer é estar vulnerável. É performar a escuta. É repetir o gesto de se sentar diante do outro e dizer: estou aqui. Você me vê? Ainda estou presente.

Com afeto e presença,

Vitória Vaz

Professora-performer

Artista da escuta, do riso e da ferida



Foto: Sérgio Lima

ISSO NÃO É UM MANUAL

Isso não é um manual. Mas, talvez seja, ou pode ser uma cartilha, um livro de artista, um diário, ou o que você preferir. Aqui se propõe pistas, provocações e programas para uma docência performativa. Mais que um manual convencional, o material se abre como obra-processo, oferecendo possibilidades que serão (re)ativadas por quem lê. Entre práticas, desvios e fabulações, convida educadoras e educadores a experimentarem o ensino como gesto criativo, político e performático.



Para aqueles que desejam performar a
docência e subverter o ensino de arte na
escola pública. Performar é semear
perguntas!



PISTAS OU PROGRAMAS PARA UMA DOCÊNCIA PERFORMATIVA

Esta parte do manual se abre como quem abre uma trilha: não há caminho fixo, mas há rastros, há pegadas, há desejos de seguir adiante. Aqui, as palavras "pistas" e "programas" ganham corpo. As pistas aparecem como indícios, sugestões, desvios — não servem para ditar o caminho, mas para instigar a caminhada. Já os programas performativos são como roteiros porosos: métodos vivos que não se prendem à repetição, mas se abrem ao acontecimento.

Inspirada por Eleonora Fabião, performer que escreve ações como quem semeia futuros, entendo os programas como ações com método e corpo, com intenção e desvio. Ela escreve:

“Chamo as ações performativas de programas pois, neste momento, esta me parece a palavra mais apropriada para descrever um tipo de ação metodicamente calculada, conceitualmente polida [...] que se aproxima do improvisacional exclusivamente na medida em que não será previamente ensaiada.” (FABIÃO, 2008, p. 4-5)

Assim também é a docência performativa: uma prática que não se ensaia, mas se arrisca. Ela pede presença, escuta, disposição para se *desprogramar* enquanto se age. Ela não se contenta com a repetição de conteúdos. Ela propõe mundos.

Entre 2022 e 2025, escrevi com o corpo esses programas de performance em escolas públicas de Fortaleza. Nas salas de aula dos anos finais do Ensino Fundamental, encontrei pistas escondidas em corredores, cadernos, cartazes rasgados, perguntas sussurradas. Me descobri professora-performer não pelo título, mas pelo gesto de resistir, pela tentativa insistente de fazer da escola um lugar de invenção.

Como Fabião, quero contar essas ações como quem conta histórias. Cada uma delas nasce de um dia, de um encontro, de um desconforto. Algumas são pequenas, quase imperceptíveis. Outras, escancaradas. Todas, no entanto, são ativáveis. Estão aqui para serem retomadas, transformadas, desprogramadas.

Então, se prepare: a seguir, vêm os programas. Mas leia como quem ouve um conto. Como quem vai sair da sala e talvez, sem perceber, já esteja performando também.



Foto: Sérgio Lima

REPITO: ISSO NÃO É UM MANUAL

ANTES DE TUDO, VOCÊ SABE O QUE É PERFORMANCE?

Ter essa pergunta em mente, é o primeiro passo para se tornar uma professora-performer. É através dessa provocação que iremos nos encontrar efetivamente. Após a leitura de algumas páginas, cheias de provocações, você está apt@ a experimentar com o corpo todo a performance. Para esse nosso momento de experimentação, proponho que se desconecte de aparelhos eletrônicos, inclusive do aparelho que estiver utilizando para ler esse manual. Sendo assim, solicito que disponha de lápis e papel para anotar as seguintes instruções, que na verdade são um programa performativo que iremos construir e vivenciar junt@s. Comece por onde quiser, do final, do meio ou do começo. A relação entre performance e performer se dará a partir do agenciamento e da experiência de cada pessoa que o põem em prática.

EXPERIMENTO I

1. Anote essas instruções em um caderno;
2. Pare tudo que estiver fazendo, inclusive a leitura desse texto;
3. Elabore um cartaz com a pergunta “O que é performance?” ou se preferir escreva no corpo;
4. Ande pelo espaço que esteja nesse momento, seja rua, no trabalho ou na sua casa, mostrando esse corpo-cartaz;
5. Procure observar a reação das pessoas e ouvir possíveis comentários, tome nota;
6. Após tomar nota dos comentários que lhe chamaram atenção, escolha um local para parar e ler esses comentários em voz alta;
7. Depois de ler, rasgue o caderno no local e saia como se nada tivesse acontecido
8. Após a experiência, considere compartilhar essa experiência comigo através do email vvazalm@gmail.com

A person with long dark hair, wearing a red t-shirt and dark pants, is holding a white rectangular sign with a pink border. The sign has handwritten text in black and red ink. The background is a blue wall with a yellow grid pattern. The person's face is partially visible at the top of the frame.

PERFORMER:
SEJA VOCÊ
TAMBÉM!

PERFORMANCES OU AÇÕES QUE ENVOLVEM DESLOCAMENTO

**ESPAÇO P/
IMAGINAÇÃO
POLÍTICA**

Foto: Ana Paula

O programa performativo a seguir foi ativado pela primeira vez em 2021 na Praça José de Alencar, como uma ação coletiva. Em 2022, ganhou nova vida dentro da escola pública de tempo integral Nossa Senhora de Fátima do município de Fortaleza. Foi nesse espaço institucional, carregado de normativas e silêncios, que a ação se redesenhou como exercício radical de escuta, provocação e diálogo.

A proposta tem como objetivo fomentar o pensamento crítico dos estudantes sobre o que é política e desestabilizar visões simplificadas e partidarizadas do termo, abrindo espaço para conversas vivas sobre sociedade, organização coletiva e imaginação democrática. Trata-se de uma aula sem quadro, sem giz, mas repleta de presença.

COMO FAZER:

1. Escolher um momento estratégico na rotina da escola — o intervalo de almoço, por exemplo — em que os estudantes estejam livres e presentes nos espaços comuns;
2. Carregar duas cadeiras plásticas e uma faixa com a frase “Espaço para Imaginar a Política” em letras visíveis;
3. Posicionar as cadeiras frente a frente em local de grande circulação, como o pátio, sem anunciar o que está acontecendo;
4. Sentar em uma das cadeiras e segurar a faixa de forma visível, permitindo que a outra cadeira fique vaga;

5. Aguardar. Se alguém se aproximar, abaixar a faixa, convidar para sentar e perguntar: “O que é política para você?”
6. Escutar. Escutar com o corpo inteiro. Tomar nota mental das imagens, medos e associações presentes nos discursos;
7. Se houver reações da gestão, transformar o embate em diálogo. Sentar-se com a pessoa que contesta e repetir a pergunta: “O que é política para você?”
8. Quando o diálogo acontecer (mesmo que após tensão), reapresentar a ação ao público estudantil como uma oportunidade de pensar coletivamente;
9. Ao final, propor que os próprios estudantes criem novas frases para outras faixas: “O que mais precisa ser imaginado?”

NOTAS DA PROFESSORA-PERFORMER

Nesta ação, o termo “política” serviu como detonador. Gerou curiosidade, ruído, medo e... conversa. Ao ser interpelada pela diretora, percebi o quanto a palavra carrega — e o quanto é preciso performar o pensamento para além dos clichês. O momento em que ela se senta comigo é, para mim, o ponto alto da performance. Porque ali o corpo da autoridade se desconcertou. E ali nasceu, ainda que breve, um espaço comum.

ATIVACÃO CRÍTICA

- O que acontece quando levamos perguntas para os espaços onde só se esperam respostas?
- Como o corpo docente pode interferir no intervalo — não para vigiar, mas para propor?
- Que outras palavras causariam o mesmo desconforto que “política”?
- E se a escola toda fosse um espaço para imaginar o que ainda não é?

**E SE CRIÁSSEMOS JUNTOS ESSES
ESPAÇOS EM COMUM?**

Sendo assim, repita comigo:

ISSO NÃO É UM MANUAL



**CONVERSAS
SOBRE
QUALQUER
ASSUNTO**

Fort
PREF
Edu

Essa ação nasceu do desejo de escutar. Não como método, mas como gesto. Realizada em 2022 em uma escola pública de tempo integral de Fortaleza, a performance emergiu das experiências com as disciplinas Projeto de Vida, Protagonismo Juvenil e Formação Cidadã. Em turmas do 8º e 9º ano, escutar se tornou um ato de resistência. Entre puberdade, conflitos de identidade e silêncios acumulados, surgiu a urgência de inventar um espaço de acolhimento: um lugar onde o corpo pudesse ser ouvido e também falante.

A performance é uma reinterpretação da ação “Converso sobre qualquer assunto”, inspirada na artista Eleonora Fabião, que ressignifica a rua como lugar de troca, e na prática da reperformance, conforme abordada por Denise Pereira Rachel (2015) e analisada por Carminda Mendes André (2017). Não se trata de cópia. Reperformar é criar a partir do que já foi, transformando o gesto pelo espaço e pelas pessoas que o habitam.

COMO FAZER:

1. Junto com os alunos, confeccionar um cartaz com a frase:
“Converso sobre qualquer assunto”;
2. Levar duas cadeiras e posicioná-las em um espaço nômade da escola — sob uma árvore, no pátio, no corredor ou perto do bebedouro;
3. Convidar os estudantes a espalharem o boato: “A tia de arte está conversando sobre qualquer assunto lá no pátio”;
4. Sentar em uma das cadeiras com o cartaz erguido e deixar a outra cadeira vazia, esperando que alguém aceite o convite;
5. A cada nova conversa, escutar com atenção e presença. Falar se necessário, mas sobretudo escutar;
6. Repetir a ação até que o intervalo acabe — ou até que o corpo canse.

NOTAS DA PROFESSORA-PERFORMER

No início, o silêncio marcou o estranhamento diante de um espaço de escuta que não prescrevia respostas nem oferecia conselhos. A performance **Conversas sobre qualquer assunto** não se propunha a orientar ou dizer o que fazer, mas a acolher falas, sustentar a escuta e, quando necessário, lançar perguntas e provocações sutis. Com o tempo, os encontros semanais se tornaram um ritual, no qual emergiram temas ausentes dos livros, mas presentes na vida — casa, corpo, identidade e a dificuldade de se sentir ouvido. Os espaços nômades da escola transformaram-se em salas de aula flutuantes, e as conversas, em espaços invisíveis de aprendizagem sensível, onde se ensinava menos a responder e mais a sentir e a escutar.

É nesse ponto que esta prática passa a ser compreendida como **heterotopia inventiva**. Apropriando-me do termo de Passeti e Acácio (2008), esses encontros configuram espaços de liberdade e criação que rompem com a lógica disciplinar da escola tradicional. Ao ocupar corredores, intervalos e espaços de passagem, a conversa deixa de ser apenas fala e se torna performance; o intervalo deixa de ser pausa e vira acontecimento. Não se trata de fugir da escola, mas de dobrá-la por dentro, abrindo frestas onde outras formas de ensinar, aprender e existir possam emergir.

ATIVACÃO CRÍTICA

- Como seria escutar sem esperar resposta?
- Quais lugares da escola podem se tornar salas de aula flutuantes?
- O que significa performar o cuidado dentro da educação pública?
- E se o currículo fosse feito também de conversas?

**MANUAIS FORAM FEITOS PARA SEREM
SEGUIDOS, PORÉM ESTE MANUAL FOI FEITO
PARA MOBILIZAR A AÇÃO!**



performance

[palavras cortam]

“Palavras cortam” foi uma performance realizada em 2022 em uma escola pública de tempo integral de Fortaleza, com uma realidade social bastante fragilizada, que expõe a banalidade da violência verbal entre estudantes do ensino fundamental anos finais no cotidiano. Essa performance nasceu como infiltração, ao invés de reprimir, a proposta é tensionar. Não com sermões, mas com espelhos. Foi durante o intervalo, no espaço comum da escola, que esse espelho se ergueu — e refletiu feridas.

A ação mobiliza o corpo da artista como superfície de fricção: ela carrega as palavras dos alunos e devolve a eles, sem gritar, mas com o peso exato do silêncio performativo.



Foto: Ulysses Santiago

COMO FAZER:

1. Circular pelos corredores da escola por alguns dias e anotar os xingamentos mais recorrentes entre os estudantes;
2. Digitar e imprimir as palavras em letras grandes, colando-as sobre folhas A4 coloridas (preferencialmente com cores vibrantes como azul e laranja ou com materiais de sua preferência);
3. Caminhar pelos corredores e pátios da escola durante o intervalo, segurando uma placa por vez, sem explicar nada;
4. Manter um tom corporal e facial neutro ou brincalhão — simulando a forma como esses xingamentos costumam ser ditos;
5. Repetir a ação até que todas as placas tenham sido exibidas;
6. Se possível, articular a ação com uma aula reflexiva posterior — como Projeto de Vida — para dar espaço à fruição e ao diálogo coletivo.

NOTAS DA PROFESSORA-PERFORMER

Alguns riram. Outros pararam. Um ou outro se incomodou. E isso já era sinal de que algo estava sendo tocado. Mas o ponto de virada veio quando, em sala, após a performance, os alunos começaram a verbalizar os atravessamentos da ação: *"Tia, eu achei engraçado... mas depois me senti mal."* O espaço performativo se estendeu para além do pátio. Um bilhete anônimo deixado na mesa. Um desabafo. Um choro partilhado. Uma ferida exposta.

A performance, sem querer, acessou algo profundo. E me vi não só artista e professora, mas testemunha — de uma dor que não podia mais ser invisível.

Como reagir quando a performance não só provoca, mas revela o abismo? A resposta veio com escuta, acolhimento, e, acima de tudo, responsabilidade compartilhada.

ATIVACÃO CRÍTICA

- O que acontece quando as palavras se tornam visíveis?
- Como performar o silêncio das agressões normalizadas?
- A performance pode ser um pedido de socorro? Um ato de denúncia?
- Como transformar dor em espaço de escuta e transformação coletiva?
- E se toda escola tivesse um espaço de fruição após cada intervalo?

O QUE PODE O CORPO DA PROFESSORA-PERFORMER?

(manuais instruem, esse apenas provoca)



PERFORMER

Seja você
também!

1ª ed. CAMPANHA - PERFORMANCE (2023)

PERFORMER

SEJA VOCÊ TAMBÉM!

Para aqueles que desejam
saber o que é performance!

A curiosidade
matou o gato
porque ele não
era performer!

FICOU CURIOSO?

Saiba mais com a
professora-performer
na sala de aula!

CAMPANHA - PERFORMANCE

O desejo
move
ações e a
performance
também!

Essa não é apenas uma performance. É uma campanha.

É um convite que se espalha como boato, que se infiltra nos corredores, que se repete no quadro todos os dias. "Performer: seja você também" nasceu em 2023 como uma campanha-performance pensada para provocar — discretamente, silenciosamente — a curiosidade dos estudantes sobre o que seria essa tal de performance.

Mas sem dar respostas.

O objetivo? Plantar a dúvida. Deixar a pergunta trabalhar.

Inspirada na potência da repetição e da saturação — estratégias tão comuns na publicidade — a professora-performer incorporou o gesto de campanha para ativar o pensamento crítico e poético no espaço escolar. O conceito de performance não foi apresentado, foi vivido. Foi sentido. A campanha se espalhou em ações pequenas e contínuas, organizadas em três frentes: *provocação visual, presença performática e convite coletivo à ação.*



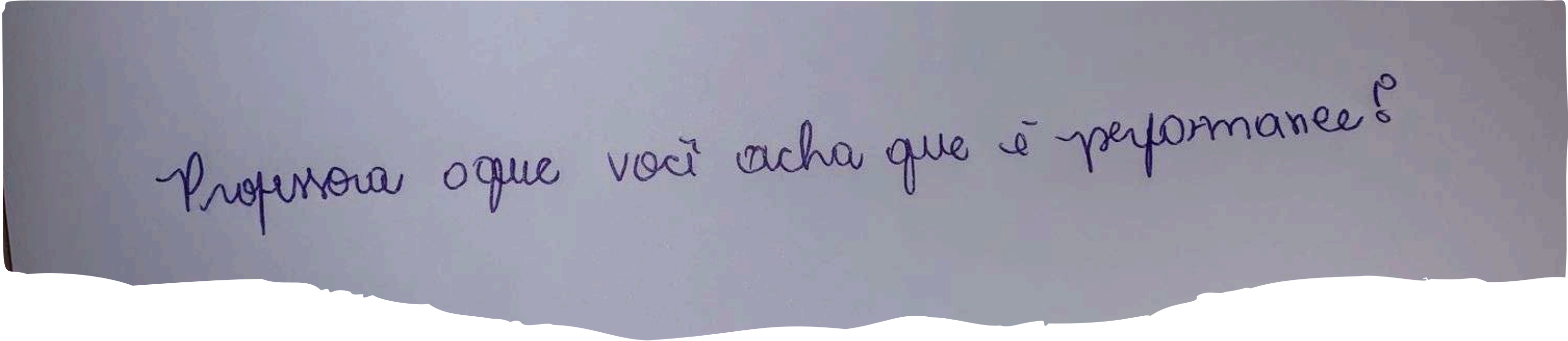
[ative o som]

COMO FAZER:

1. Durante uma semana, escrever ao final de cada aula, no quadro, a pergunta: “O que é performance?”
2. Utilizar uma blusa preta com a palavra “PERFORMER” estampada nas costas em branco, sem explicações, durante o expediente escolar ou escrever a palavra no corpo;
3. Produzir pequenos panfletos com frases enigmáticas sobre performance e fixá-los em murais, paredes e portas da escola;
4. Em outro momento, caminhar pelos corredores com um cartaz feito à mão com os dizeres “Performer – Seja você também”, sem anunciar o propósito;
5. Parar em pontos estratégicos, fazer pequenos gestos ou ações inesperadas: olhar para o alto, mudar o modo de andar, interagir com objetos de modo poético ou estranho;
6. Se for questionada/o/e, responder apenas com olhares, gestos ou silêncios. Nunca com definições;
7. Repetir a ação em dois turnos diferentes ao longo de um mesmo dia (manhã e tarde), intensificando o efeito de presença e mistério.

NOTAS DA PROFESSORA-PERFORMER

A performance começou no quadro. Uma pergunta simples. Mas que incomodava. Logo, começaram as pesquisas no Google, os cochichos, os bilhetes:



Professora o que você acha que é performance?

Mas eu não respondia. Devolvia a pergunta: *“O que você acha que é?”* Essa foi a primeira ativação. Depois vieram os panfletos. A blusa. O cartaz. E os gestos.

COORDENAÇÃO

DIREÇÃO

DEFICITÁRIO

SALAS

CORREDOR

QUADRA

DEBORDAR

PATIO

SECRETÁRIA

AGE

SALAS

BIBLIOTECA

Seja PERFORMER
Você também!

Com o tempo, o movimento virou onda. Os alunos me seguiam pelos corredores como cardumes — mas cada um com sua pergunta, sua inquietação.

A performance virou rumor.

E os rumores, aos poucos, viraram conceito.

ATIVACÃO CRÍTICA

- O que acontece quando uma pergunta insiste em voltar todos os dias?
- Como transformar o ordinário da escola em espaço de inquietação estética?
- Qual é o limite entre aula, propaganda e performance?
- O que quer dizer performar sem dizer nada?

**OUTRAS PISTAS POSSÍVEIS : INSTRUÇÕES
INVISÍVEIS E FUTUROS INACABADOS**

UMA AULA PARA NÃO FAZER NADA

1. Escolher um horário de aula e informar previamente à turma que naquele dia não haverá conteúdo programado;
2. Organizar o espaço com tapetes, almofadas ou cadeiras em círculo, criando um ambiente acolhedor e desacelerado;
3. Silenciar os celulares e desligar o projetor ou quadro;
4. Propor que todos fiquem em silêncio por alguns minutos, apenas respirando e observando o ambiente;
5. Após o silêncio, permitir que espontaneamente alguém fale, se quiser — ou não fale nada;
6. Encerrar a aula com um convite à escuta: “O que é que o silêncio ensina?”

QUEM SOU EU, SENÃO O QUE PERFORMO DE MIM?

1. Pedir para cada pessoa trazer três objetos pessoais que tenham valor simbólico para sua trajetória (profissional, familiar ou emocional);
2. Disponibilizar um espaço expositivo no chão ou nas carteiras, onde cada participante criará uma pequena instalação com seus objetos;
3. Circular em silêncio, observando os territórios afetivos criados pelos colegas;
4. Propor uma roda em que cada uma compartilha a história de pelo menos um objeto e o que ele diz sobre sua identidade;
5. Ao final, escrever uma frase no corpo (ou em um papel colado à roupa) que resuma: quem sou eu agora?

AULA-DESVIO

1. Preparar um plano de aula convencional, mas deixá-lo visível no quadro com a palavra “PLANO”;
2. Anunciar à turma que seguir esse plano é apenas uma das possibilidades;
3. Ouvir as propostas ou inquietações dos alunos naquele dia e permitir que conduzam a aula para outro rumo;
4. Registrar no quadro o novo caminho tomado pela turma — conteúdo, ideias, afetos ou acontecimentos;
5. Comparar o plano original com o percurso final, refletindo sobre o que se aprendeu no desvio;
6. Propor que cada estudante escreva um pequeno “plano de aula do imprevisto” com base na experiência.

COSTURA DE NARRATIVAS

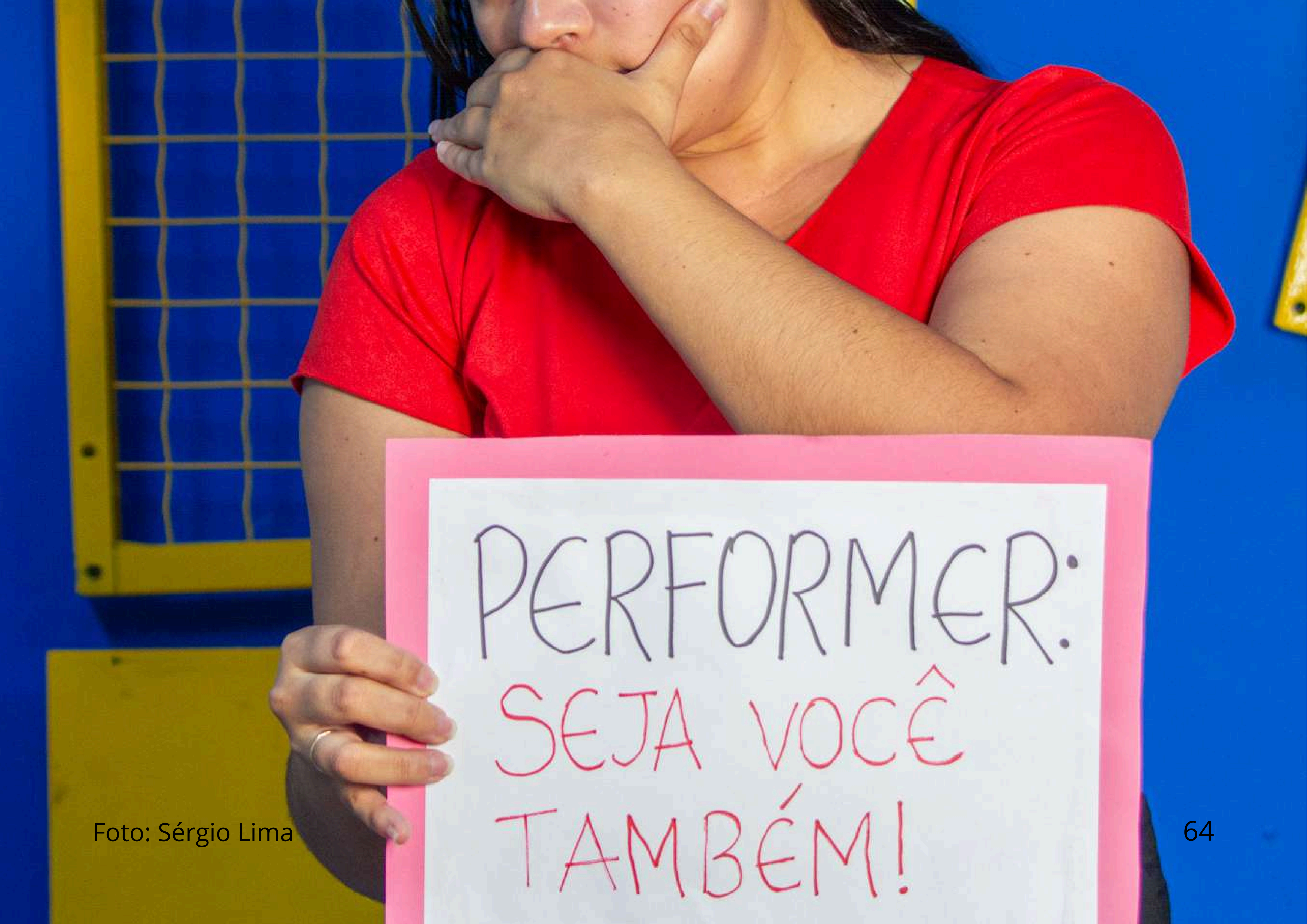
1. Levar panos, agulhas, linhas, fitas e pedaços de tecido para a aula;
2. Pedir que cada participante escreva em um tecido uma frase ou palavra que represente sua história, sua origem ou sua dor/sabedoria como educador(a);
3. Costurar os pedaços em uma colcha coletiva, com ajuda mútua, compartilhando memórias durante o processo;
4. Estender a colcha no chão ou parede e fazer uma roda em torno dela;
5. Realizar uma leitura coletiva das palavras escritas, criando um texto improvisado a partir das frases bordadas;
6. Encerrar com um convite performativo: “o que da minha história eu costuro no outro?”

GRITAR EM VOZ BAIXA

1. Distribuir papéis e canetas para cada participante e pedir que escrevam frases que já ouviram ao longo da vida por serem mulheres, dissidentes ou por não corresponderem a expectativas de gênero;
2. Pedir que cortem essas frases e colemb nos próprios corpos, em locais visíveis, como se fossem etiquetas;
3. Circular em silêncio pela escola ou espaço público, com os corpos cobertos pelas frases;
4. Parar em local de visibilidade e formar um círculo: cada participante deve escolher uma das frases escritas no corpo de alguém e lê-la em sussurro;
5. Após a leitura, rasgar ou queimar simbolicamente as etiquetas (em segurança), como gesto coletivo de ruptura;
6. Finalizar com uma roda de partilha: o que ainda precisa ser gritado mesmo em voz baixa?

CONTINUAR É PERFORMAR DE NOVO

Querida pessoa leitora, performer em potência,
Se você chegou até aqui, talvez tenha notado que este não é um manual que se fecha. É um convite. É um movimento. É um gesto que começa e recomeça toda vez que alguém ousa experimentar uma forma diferente de ensinar. Este epílogo é um recomeço disfarçado de final. Porque performar na escola não é um evento. É uma prática que insiste. Que retorna. Que se reinventa. É uma forma de habitar os espaços com o corpo inteiro, escutando com a pele, ensinando com os afetos, aprendendo com os tropeços. Talvez nenhuma pista aqui sirva para você. Ou talvez sirva para abrir outras que ainda não foram escritas. O importante é seguir arriscando. Transformando o quadro branco em paisagem. O intervalo em sala de aula. A dúvida em pergunta coletiva. Desejo que, ao fechar este manual, você o abra novamente dentro de si. E que ao performar sua docência, encontre na arte um lugar de insistência poética.

A woman with dark hair, wearing a red short-sleeved shirt, is holding a pink-bordered sign. She has her hands clasped near her face, looking down at the sign. The background is a blue wall with a yellow grid pattern on the left.

PERFORMER:

SEJA VOCÊ
TAMBÉM!

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Carminda Mendes. **O que pode a performance na escola?** Cad. CEDES, Campinas, v. 37, n. 101, p. 83-106, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/JdpG6rPHk9j6dfgScfcNjhn/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 07 de Dezembro de 2025

CIOTTI, Naira. **A professora-performer:** por uma docência em movimento. In: Anais do XX Encontro Nacional da ANPAP. Porto Alegre: ANPAP, 1999.

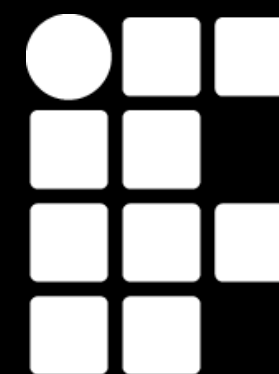
FABIÃO, Eleonora. **Performance e teatro:** poéticas e políticas da cena contemporânea. Rio de Janeiro: 2008.

FABIÃO, Eleonora. **Notas sobre programas performativos.** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

LEPECKI, André. **Exhausting dance:** performance and the politics of movement. New York: Routledge , 2006.

PASSETTI, Edson e AUGUSTO Acácio. **Anarquismo e Educação.** Belo horizonte: Editora Autêntica, 2008.

RACHEL, D.P. **Adote o artista, não deixe ele virar professor:** reflexões em torno do híbrido professor-performer. 2013. Dissertação (Mestrado). Instituto de Artes. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo.



INSTITUTO FEDERAL
Ceará
Campus Fortaleza